

DIÁRIO DO NORDESTE

HISTÓRIA (4/3/2004)

Instituto do Ceará renovado

No coração do Centro de Fortaleza, o casarão rosa atravessa o tempo, vivendo e guardando a história da cidade. O Instituto do Ceará abrirá suas portas nesta quinta-feira às 17 horas. Não se trata de um recomeço, já que ele nunca parou suas atividades. Talvez "renovação" lhe caia bem. O fato é que, com 117 anos de existência, o Instituto iniciará uma nova fase, adequando-se às inovações tecnológicas e aperfeiçoando a qualidade dos serviços oferecidos em nome da cultura cearense

A instituição é a mais antiga do Ceará e devolve aos pesquisadores locais o acervo que acumula referências históricas, geográficas e antropológicas. A novidade fica por conta da aparelhagem tecnológica e arquitetônica que abrigará as mais recentes demandas do instituto.

Os três anos de reforma por que passou o prédio mudaram a paisagem daquele pedacinho do centro, vizinho da Igreja do Carmo. "A idéia é incorporar o instituto à vida cultural e social de Fortaleza", define o presidente da instituição Eduardo Campos.

Para além da beleza imponente do casarão, a funcionalidade da casa foi ampliada. A sala de leitura dos sócios agora conta com equipamentos de informática. Um dos três auditórios do instituto, o Auditório Barão de Studart, com capacidade para 70 pessoas, foi restaurado, abrigando móveis do século XIX.

Outras preciosidades são as bibliotecas Eurico Facó e Capistrano de Abreu, que aglutinam cerca de 1270 obras dos séculos XVI, XVII e XVIII, além de um importantíssimo acervo com documentos catalogados em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os visitantes poderão acessar escritos da história colonial e provincial do Brasil através de dois equipamentos disponíveis na Sala Capistrano de Abreu, extensão de uma das bibliotecas.

O Instituto possui ainda catalogado de jornais raros, incorporados na exposição "Imprensa Menor", aberta também nesta quinta-feira. Cerca de vinte e cinco jornais de pequeno formato poderão ser visita dos, como o "Engraxador", o "Montanhês", o "José de Alencar" e "O Orvalho", escrito a mão, no final do século XIX.

Nos mais de cem anos de atuação cultural no Estado, a instituição anualmente publicou, sem interrupções, a "Revista do Insituto do Ceará", totalizando portanto 117 volumes. Pesquisadores como Caio Lóssio Botelho, Pedro Sishando Leite e José Liberal de Castro, entre outros sócios, pertenceram às comissões da publicação.

O escritor e jornalista Eduardo Campo presenteará a comemoração da restauração do Instituto com o lançamento do livro "Cartas de Afeição", uma coletânea de correspondências recebidas pelo escritor de uma gama de personalidades da vida cultural do país. Entre esses nomes pairam o modernista Mário de Andrade, o folclorista Câmara Cascudo e os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. As correspondências, datadas desde os anos de 1940, também incluem representantes do Ceará, como a primeira vereadora Maria de Jesus Melo. Longe de meros recados e elogios passionais, as cartas guardadas por Campos durante mais de meio século congrega a afeição de amigos conquistados ao longo do tempo, mercedores de homenagem e memória.